



InvestCoop

Asset Management

Palavra do Gestor – Julho/2026

Conteúdo

Cenário Internacional	02
Cenário Brasil	03
Mercado de Renda Fixa	04
Estruturados	04
Mercado de Renda Variável	05
Principais Eventos nos Fundos	05
Resultado dos Fundos	07

Índices

	Julho 2026	Em 12 meses
CDI	1,22%	14,71%
IGPM	-1,16%	2,77%
IPCA	0,07%	4,44%
IMA-B	0,97%	10,19%
IRFM	0,85%	12,75%
IDA-DI	1,43%	14,93%
IBOVESPA	3,47%	33,76%
DÓLAR	-1,92%	-9,37%

Fontes: Anbima, IBGE, B3 e Banco Central

Internacional

Estados Unidos

A economia americana mantém-se resiliente, sustentada por expressivos investimentos em inteligência artificial e pela força contínua de seu mercado de trabalho. Atualmente, a taxa de desemprego permanece estabilizada em 4,3%. No entanto, a inflação é o principal desafio de curto prazo. Os preços estão sendo pressionados por uma combinação de fatores, como o núcleo inflacionário resistente, o choque de tarifas e energia, e a alta demanda por infraestrutura impulsionada pelo "boom" tecnológico. Um recente memorando de entendimentos para a reabertura do Estreito de Ormuz atenuou os riscos, reduzindo o preço do petróleo e trazendo perspectivas benéficas para a inflação.

Apesar dessa possível descompressão, o Federal Reserve, agora sob a liderança de Kevin Warsh, retomou o foco firme no controle dos preços. A autoridade monetária optou por manter, por maioria de votos, a taxa de juros na banda de 3,50% a 3,75% ao ano. Porém, com uma mudança de tom (o viés para novas altas), o mercado passou a precificar que as taxas permanecerão elevadas por um período prolongado, com chances de aumento ainda neste ano. Esse conjunto de fatores gerou dúvidas quanto aos próximos passos da política

monetária e levou os juros longos aos níveis mais elevados desde o início de 2025.

Europa

O ambiente europeu é marcado por uma inflação persistente, em que o núcleo da inflação acelerou para 2,6%, fortemente puxado pelo setor de serviços. Em resposta, o Banco Central Europeu (BCE) havia elevado os juros para 2,25% ao ano em junho, ressaltando explicitamente que esse aperto não foi um movimento preventivo. Embora o acordo no Oriente Médio alivie momentaneamente as pressões, a Europa segue com estoques de gás natural abaixo da média, o que representa um risco relevante de pressão energética para o inverno.

Para o horizonte de médio prazo, os riscos inflacionários foram classificados como assimétricos para cima pelo BCE, com o núcleo da inflação revisado para permanecer acima da meta até 2028. Como cenário base, espera-se uma pausa nos juros, seguida de uma provável nova alta no mês de setembro.

China

A economia da China apresenta retração na demanda doméstica, falhando em sustentar o impulso positivo que havia sido registrado no primeiro trimestre do ano. Dados recentes demonstraram contrações significativas: as vendas no varejo registraram a primeira queda desde dezembro de 2022, os investimentos em ativos fixos

caíram 4,1%, a crise no setor imobiliário se aprofundou e a liberação de crédito ficou muito abaixo das expectativas.

Essa evidente fraqueza limita um possível aumento do núcleo da inflação interna. Contudo, de forma paradoxal, há uma forte demanda global voltada à inteligência artificial que tem elevado de forma expressiva os preços ao produtor nas indústrias do país. Esse aumento nos custos produtivos chineses é um ponto de atenção, pois atua diminuindo o vetor desinflacionário que a China costuma exportar para os países emergentes e o resto do mundo.

Brasil

A economia brasileira apresenta um ritmo de crescimento sustentado no curto prazo por estímulos governamentais de crédito e pela ampliação do consumo. A projeção para a expansão do PIB em 2026 foi elevada de 1,8% para 2,0%, impulsionada pela resiliência do mercado de trabalho — com a taxa média de desemprego projetada em 5,9% —, pela expansão do crédito e por medidas de alívio de renda, como a isenção do Imposto de Renda para rendimentos de até R\$ 5 mil. Contudo, a atividade dá sinais de desaceleração nos setores mais cíclicos que sentem o impacto dos juros elevados. Para 2027, estima-se que a dissipação desses impulsos e o maior comprometimento da renda familiar reduzam o crescimento do PIB para 1,5%.

O acúmulo de choques, como os impactos de conflitos geopolíticos no petróleo, os efeitos do El Niño sobre os alimentos e a persistência da inflação no setor de serviços, projeta o IPCA de 2026 para 5,02%. Embora o IPCA-15 de julho tenha apresentado uma leitura consideravelmente abaixo do esperado, o Copom adota uma postura cautelosa. A taxa Selic foi reduzida em 0,25 p.p. no início de agosto, alcançando o patamar de 14,00% ao ano. A autoridade monetária sinalizou que, em razão da desancoragem das expectativas inflacionárias, a política monetária precisará permanecer contracionista por um período prolongado. As estimativas para a Selic ao final de 2026 situam-se em 13,75% ao ano, prevendo-se uma redução gradual até 11,00% ao ano em 2027.

Na área fiscal, espera-se o cumprimento do arcabouço em 2026, mas a Dívida Bruta do Setor Público seguirá em trajetória de elevação (devendo atingir 82,7% do PIB em 2026 e 87,1% em 2027), exigindo ajustes estruturais mais profundos a partir de 2027.

A corrida para as eleições presidenciais de 2026 adiciona volatilidade ao mercado. Do lado do governo, declarações sobre eventuais revisões fiscais em um próximo mandato começam a ser monitoradas para avaliar a sustentabilidade das contas públicas. Na oposição, candidaturas consolidadas em torno do núcleo conservador mantêm a disputa competitiva. A conjuntura política, associada às indefinições fiscais de longo

prazo, figura como um dos principais fatores de incerteza para a trajetória dos ativos brasileiros.

Mercado de Renda Fixa

O mercado de debêntures não incentivadas e títulos corporativos tradicionais apresentou estabilidade e poucas alterações expressivas em julho. Os *spreads* de crédito permanecem comprimidos e em patamares elevados de preço. Contudo, o segmento conta com um amortecedor técnico relevante: os fundos de crédito privado mantêm posições elevadas em caixa e carteiras com *duration* curtas, o que permite absorver oscilações e resgates marginais sem necessitar de vendas forçadas. A combinação do segundo mês consecutivo de captação positiva nos fundos não incentivados com essa alta liquidez gerou um fechamento marginal dos *spreads* nos ativos indexados ao CDI.

A estabilidade do mercado de não incentivados decorre do suporte técnico e da manutenção dos investidores na classe devido ao cenário macroeconômico, e não de uma taxa atrativa. O principal risco reside no limite da proteção do caixa: uma eventual migração dos investidores para outras classes de ativos pode reduzir a demanda e provocar uma abertura nos *spreads*. Como a relação de retorno e risco continua desfavorável no segmento, a postura recomendada é de cautela na alocação,

priorizando liquidez, maior seletividade e carteiras com prazos mais curtos.

Estruturados

Em 2026, os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDCs) registraram uma captação de R\$ 30,64 bilhões, impulsionados pelo *spread* atrativo em relação ao CDI. No atual contexto de flexibilização monetária e trajetória de queda da taxa Selic, a expansão desse prêmio de risco surge como uma alternativa para sustentar a atratividade da classe. Contudo, sob a perspectiva teórica, a permanência de juros em patamares mais baixos por um período prolongado promove a redução da alavancagem corporativa e do risco de crédito geral, convergindo para uma tendência natural de compressão dos *spreads*.

Nesse cenário, a dinâmica da precificação passará a depender diretamente da estrutura de cada carteira: portfólios com maior concentração de sacados, originadores sem histórico consolidado ou garantias frágeis continuarão exigindo *spreads* mais amplos como compensação pelo risco assumido. Por outro lado, para teses já testadas e maduras no mercado, a tendência é que os *spreads* se mantenham em níveis competitivos e atrativos, dispensando a necessidade de ajustes abruptos de preço.

Mercado de Renda Variável

Em julho, o Ibovespa voltou a ganhar força após a volatilidade de junho: o índice avançou cerca de 3,5%, encerrando o mês em torno de 178 mil pontos e ampliando a alta acumulada no ano. O desempenho foi sustentado pela retomada parcial do fluxo estrangeiro, com investidores externos voltando às compras na B3 após dois meses de saída líquida. No cenário internacional, o rali das ações de tecnologia e inteligência artificial continuou atraindo recursos, enquanto os índices americanos renovaram máximas no período.

No recorte setorial, o mês teve forte dispersão de retornos. Entre os destaques positivos, mineração, siderurgia e distribuição de combustíveis lideraram os ganhos, com CMIN3, UGPA3 e VBBR3 entre as maiores altas do período. Na ponta negativa, construtoras, varejistas, empresas de educação e outros nomes mais sensíveis aos juros seguiram pressionados, com Direcional, Cury, TIM, C&A e Marcopolo entre os destaques de queda. O quadro reforça a preferência do mercado por ativos ligados a commodities e a setores com maior previsibilidade de caixa.

Em resumo, julho confirmou um movimento de seleção de ativos: empresas ligadas a recursos naturais e serviços essenciais ganharam espaço,

enquanto papéis mais expostos ao ciclo doméstico continuaram sob pressão. O ambiente ainda favoreceu companhias de maior qualidade, liquidez e previsibilidade, em detrimento de teses muito dependentes de aceleração do consumo ou de uma queda mais rápida dos juros.

Principais eventos nos fundos

O nosso fundo mais conservador para reservas técnicas, ANS I, possui a carteira de investimentos totalmente alocada em LFT (vértices 2028, 2029 e 2030) e compromissada (caixa). O retorno no ano acumula 100,5% do CDI.

As movimentações de carteira no fundo ANS II têm se voltado para compras de títulos bancários (LF e CDB) até próximo do limite em regulamento. Ainda assim, a estratégia tem sido manter um portfólio com baixa duração e alta liquidez, tendo conseguido entregar rentabilidade de 108,9% do CDI no mês de julho.

O fundo ANS III entregou retorno de 104,3% do CDI em julho, mesmo seguindo com nível de caixa mais elevado. Entre os destaques, as debêntures da Aegea contribuíram positivamente, enquanto as debêntures da Braskem ficaram na ponta oposta.

O fundo ANS V entregou rentabilidade de 103,2% do CDI em julho, acumulando 108,2% do CDI em 2026. O fundo possui 27% do patrimônio em caixa e segue atento às oportunidades, principalmente no mercado secundário.

O nosso fundo que investe essencialmente em crédito bancário, títulos públicos e compromissada, Investcoop Bancos, entrega uma rentabilidade acumulada no ano de 102,5% do CDI. A gestão vem alocando o caixa e segue cautelosa na seleção de ativos.

O fundo InvestCoop Livre I apresentou rentabilidade de 99,1% do CDI, em movimento de acomodação após rentabilidades positivas dos últimos meses, acumulando rentabilidade de 104,3% do CDI em 2026. A estratégia permanece pautada na manutenção de um nível de caixa mais elevado, permitindo ao fundo aproveitar eventuais oportunidades atrativas de alocação.

No segundo fundo destinado às reservas livres, Livre II, rentabilidade de 99,5% do CDI no mês de julho, sendo afetado principalmente por Braskem e CSN. Braskem segue com discussões para uma eventual recuperação extrajudicial e CSN tem planos de se desfazer da CSN Cimentos para diminuir a alavancagem, a ideia inicial é de vender o ativo por cerca de R\$12 bilhões.

Resultado dos Fundos

FUNDO	Rentabilidade				Características			
	Mês	Ano	12 meses	24 meses	Duration (anos)	*Carrego a.a.	Emissores	PL (R\$mm)
ANS I	1,2%	8,2%	14,8%	29,3%		Selic+0,0%		529
%CDI	99,7%	100,5%	100,4%	100,4%				
ANS II	1,3%	8,2%	14,8%	29,7%	2,1	CDI+0,39%	43	161
%CDI	108,9%	100,5%	100,8%	102,0%				
ANS III	1,3%	8,7%	15,1%	29,5%	2,2	CDI+0,81%	141	1.309
%CDI	104,3%	106,7%	102,9%	101,2%				
ANS Multi	1,3%	8,7%	15,1%	29,4%	2,3	CDI+0,77%	109	342
%CDI	107,3%	106,4%	103,0%	100,7%				
ANS V	1,3%	8,8%	15,3%	31,1%	2,1	CDI+0,86%	161	1.705
%CDI	103,2%	108,2%	104,3%	106,6%				
Bancos	1,2%	8,3%	15,1%	30,0%	0,8	CDI+0,06%	14	98
%CDI	101,5%	102,5%	102,4%	102,8%				
Livre I	1,2%	8,5%	14,8%	29,9%	2,2	CDI+0,61%	131	438
%CDI	99,1%	104,3%	100,6%	102,6%				
Livre II	1,2%	8,2%	14,4%	29,5%	2,0	CDI+0,60%	144	686
%CDI	99,5%	100,2%	98,0%	101,1%				

* Líquido de taxa de administração

Disclaimer

Este documento foi produzido pela InvestCoop Asset Management Ltda. com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. A InvestCoop Asset Management é uma instituição regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários para prestar serviço de gestão de carteira de fundos de investimentos. A InvestCoop Asset Management não se responsabiliza por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem inclusive ser atualizadas sem necessidade de comunicação. Leia o [Prospecto], o Formulário de Informações Cadastrais do Fundo, a Lâmina de Informações Essenciais e o Regulamento do Fundo antes de investir. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Este documento foi produzido pela InvestCoop Asset Management Ltda. e é de uso exclusivo do destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio sentimento pela InvestCoop Asset Management Ltda. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. Em caso de dúvidas, sugestões ou reclamações, entre em contato com o seu executivo comercial ou envie um e-mail para atendimento@investcoop.com.br